



O 45.º ANIVERSÁRIO DA URAP

Durante este ano de 2021, a União de Resistentes Antifascistas Portugueses assinala o 45.º aniversário com iniciativas em diversos locais do País, lembrando que foi criada a 30 de Abril de 1976, essencialmente por ex-presos políticos, democratas e antifascistas, entre os quais personalidades da anterior oposição democrática e membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos.

Ao longo destes anos, a URAP manteve sempre intensa actividade, de que um dia faremos a história, em defesa das conquistas democráticas, dos valores de Abril. Foram imensas as tomadas de posição, os actos públicos sobre problemas da actualidade e contra ideias e práticas fascistas, racistas e xenófobas.

Dois anos após o 25 de Abril de 1974, o País registava impressionantes avanços e tinha vencido ofensivas reacçãoárias e golpistas de direita, como o 25 de Novembro, que levou a iniciar um outro longo caminho de luta para conter e derrotar a contra-revolução.

No caminho que percorremos destacamos a imensa actividade dos núcleos; a realização anual das assembleias-gerais; as sessões, nos 40.º e 50.º aniversários da criação da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos; os eventos realizadas em Aveiro para assinalar o 50.º aniversário do II Congresso Republicano de 1969, e o III Congresso da Oposição Democrática de 1973; a dinamização do projecto Do Heroísmo à Firmeza, no Porto; a homenagem anual aos Tarrafalistas; a edição do Boletim, o sítio da Internet e a página do Facebook.

De sublinhar, igualmente, as sessões nas escolas com alunos e professores para falar do antes e depois de Abril; a excursão às cidades mártires da Guerra Civil de Espanha; a deslocação ao Tarrafal, em Cabo Verde, para participar num simpósio organizado pela Fundação Amílcar Cabral; a participação regular nos congressos da FIR - Federação Internacional da Resistência; a Tocha da Paz, para assinalar o 70.º aniversário do fim da II Guerra Mundial, que percorreu diversos concelhos do País; a

participação de jovens portugueses nas duas viagens do Comboio dos 1000 aos campos de extermínio nazi de Auschwitz e Birkenau, em Kharkov; a luta contra a criação de um Museu Salazar; o levantamento dos presos no Registo Geral de Presos da PIDE, dados já usados em livros publicados pela URAP e em outras iniciativas.

E ainda o envolvimento na inauguração do Memorial com o nome dos presos da Fortaleza de Peniche, da peça escultórica em homenagem aos presos e a criação do Museu Nacional da Resistência e Liberdade; a publicação de diversos livros; a homenagem aos presos políticos de Caxias, em 2019, e, em 2020, a inauguração de uma peça escultórica junto à estação da CP, em Caxias; a viagem aos Açores para lembrar os presos nas Fortaleza de Angra do Heroísmo e do Castelinho.

Nestas comemorações dos 45 anos da URAP, saudamos os associados e apelamos para que tragam mais antifascistas para a organização e para que nunca desistam desta forma própria de estar na vida e na luta, em defesa das conquistas e dos ideais de Abril, continuando o combate à manipulação da informação e às visões reacçãoárias da história do País, da Europa e do Mundo.

ENTREVISTAS A JOSÉ PEDRO SOARES E MARÍLIA VILLASVERDE CABRAL, COORDENADORES ACTUAL E CESSANTE DA URAP - págs. 12 e 13

REALIZOU-SE A ASSEMBLEIA-GERAL - págs. 10 e 11

ABRIL VIVE NO CORAÇÃO DO POVO - págs. 7 e 9

José Pedro Soares

URAP ENTREGA MATERIAL DE EX-PRESOS AO MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE

Material doado por ex-presos políticos do Tarrafal e de outras cadeias do país, pertencente à URAP, foi entregue em depósito, dia 11 de Maio, ao Museu Nacional Resistência e Liberdade. Participaram no acto de entrega Marília Villaverde Cabral, pela URAP, e Teresa Albino Pacheco, coordenadora do Museu.

Parte integrante do espólio da URAP, objectos como fotografias, tairocas, caixas para tabaco ou depoimentos de presos, que pertenciam à Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, vão ser agora expostos no Museu situado na Fortaleza de Peniche, no âmbito do Protocolo de Cooperação entre este e a URAP, assinado em 2020.



Momento da assinatura do protocolo



Alguns dos materiais cedidos pela URAP



Livro de entrada e saída de presos no «posto médico» do Tarrafal.



Par de tairocas de Virgílio Martins, preso político no Tarrafal desde Outubro de 1936 e que ali esteve 11 anos e 22 dias. Usadas para se defenderem da terra escaldante que lhe queimava os pés, com madeira que vinha da Guiné para usar na cozinha.

MEDALHA DA SPA PARA O MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE

O Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), na Fortaleza de Peniche, foi distinguido em 2021 com a Medalha de Honra da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), prestigiante galardão entregue, dia 25, em Lisboa, numa cerimónia comemorativa do Dia do Autor Português.

Segundo uma nota de imprensa da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), «esta distinção da SPA constitui um significativo reconhecimento público do intenso trabalho de investigação e de criação de parcerias que tem sido desenvolvido pelo MNRL desde a sua inauguração, a 25 de Abril de 2019». A URAP, parceira do MNRL, congratulou-se com a atribuição do prémio.

ARISTIDES DE SOUSA MENDES HOMENAGEADO EM PENICHE

Na presença da ministra da Cultura, Graça Fonseca, e da directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, Aida Rechena, uma delegação da URAP encabeçada por Marília Villaverde Cabral esteve presente na inauguração da primeira exposição internacional, Candelabro ASM – Aristides de Sousa Mendes: o Exílio pela Vida, no dia 25 de Abril. A exposição estará patente até Outubro.



URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2

1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

URAP E UNIÃO DE FREGUESIAS DE ALMADA

Um protocolo de Colaboração entre a União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas e a URAP foi assinado no dia 26 de Março, em cerimónia pública realizada na Academia Almadense.

O protocolo foi rubricado por Ricardo Louçã, presidente da União de Freguesias, e por José Pedro Soares e Mário Araújo, da direcção da URAP, e consta de um compromisso de cooperação visando tornar mais ampla, abrangente e divulgada a actividade que o núcleo da URAP de Almada vem desenvolvendo na cidade, em

colaboração com as autarquias, associações e escolas.

Visa ainda apoiar a continuidade do trabalho de pesquisa histórica e levantamento de todos os nomes, mulheres e homens, naturais ou residentes em Almada que passaram pelas diversas cadeias do fascismo.

Assistiram à cerimónia representantes de outras associações, membros eleitos daquela autarquia e uma delegação da URAP do núcleo de Almada.



VISITA AO PORTO DIAS 3 E 4 DE JUNHO



Nos dias 3 e 4 de Junho, a URAP realizou uma visita ao Porto, com a participação de dezenas de pessoas, que se dirigiram inicialmente à antiga sede da PIDE, hoje Museu Militar, onde funciona o projecto Do Heroísmo à Firmeza, guiada pelo o arquitecto Mário Esteves, e por Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP e ex-presença política.

Os sócios e amigos da URAP foram ainda a outros locais icónicos da resistência antifascista da cidade, como a Praça da Batalha, a Rua 31 de Janeiro, a Praça da Liberdade, a Avenida dos Aliados e a Estação de S. Bento; e ainda a alguns monumentos, ao rio Douro, e às Caves do Vinho Porto, em Gaia.



VISITAS GUIADAS AO MUSEU DO ALJUBE

A URAP está a promover um conjunto de visitas guiadas ao Museu do Aljube - Resistência e Liberdade, como forma de alargar o conhecimento público acerca do que foi o fascismo em Portugal, e dos seus crimes, e honrar todos os que lhe fizeram frente, abrindo caminho à Revolução de Abril.

A primeira visita realizou-se no dia 21 de Maio, guiada por Adelino Pereira da Silva, antigo preso político, seguindo-se outras duas, a 22 e 29 de Junho. As visitas continuam nos próximos meses, sendo os jovens o público privilegiado.



VIDAS QUE A MORTE NÃO APAGA

Morreram recentemente três antifascistas: Maria da Conceição Moita, Eduardo Diniz de Almeida e Armando Myre Dore. A URAP louva a sua vida e apresenta condolências às famílias e aos amigos. A democracia ficou mais pobre.

Maria da Conceição Moita, católica progressista

Maria da Conceição Moita, antifascista da resistência, que pertenceu ao grupo de católicos progressistas que organizou a vigília da Capela do Rato, participou na luta anticolonialista, e foi libertada da Fortaleza de Peniche com a Revolução de Abril, morreu a 30 de Março, aos 83 anos.

No dia 25 de Abril de 1974, Conceição Moita estava presa em Caxias e é

uma das pessoas que aparece à porta, na hora da libertação, acompanhada dos advogados, e da delegação da Comissão de Socorro aos Presos Políticos.

Maria da Conceição Moita esteve no grupo dos seis organizadores da vigília na Capela do Rato, a 30 de Dezembro de 1972. Nascida em Abril de 1937, em Alcanena, foi educadora de infância e professora de Religião e Moral.



Eduardo Diniz de Almeida, militar de Abril

No dia 16 de Maio, morreu o capitão de Abril Diniz de Almeida, com 76 anos. Coronel na reforma e psicólogo, integrou o Movimento das Forças Armadas desde a sua origem e, de 24 para 25 de Abril de 1974, encontrava-se no Regimento de Artilharia de Penafiel, onde deu ordem de prisão ao comandante.

Diniz de Almeida participou na reunião do Movimento dos Capitães a 9 de Setembro, nas Alcáçovas, que viria a ser fundamental para o 25 de Abril de 1974. Nesse dia, comandou uma força militar que tomou o Forte de Peniche.

Em seguida, a sua coluna rumou a Lisboa, ocupou o quartel da Legião Portuguesa, na Penha de França, e instalou-se no Regimento de Artilharia Ligeira (RALIS).

A 11 de Março, no golpe das forças afectas ao General António de Spínola, Diniz de Almeida defendeu o RALIS e os militares do MFA, durante o ataque dos aviões e o cerco por tropas pára-quedistas da Base Aérea de Tancos.

Diniz de Almeida manteve toda a sua vida uma postura militante, participando



em acções em prol da democracia, sempre fiel aos ideais da revolução dos Cravos.

Armando Myre Dore, resistente e construtor da democracia

Armando Myre Dore tinha 85 anos. Nascido em Maio de 1936, morreu dia 24 de Maio em Lisboa. Sócio da URAP, era militante do PCP desde 1956 e seu funcionário entre 1959 e 1991. Integrava actualmente o Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa.

Lutador anti-fascista, fundador e dirigente da Associação Portuguesa de Amizade e Cooperação Iúri Gagárin (antiga Associação Portugal-URSS), foi também co-fundador do Grupo de Estudos Marxistas.

Armando Myre Dore deixa variados ensaios em diversas publicações, foi professor de Matemática e Psicologia (1990-2001) na Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, formador na CGTP-IN.

Profundamente empenhado na queda do fascismo, na Revolução de Abril e na construção da democracia, homem de uma enorme sensibilidade, a par de uma enorme firmeza.



A URAP FEZ 45 ANOS

COMEMORAÇÕES POR TODO O PAÍS

A URAP fez 45 anos a 30 de Abril e nos meses de Maio e Junho realizaram-se comemorações em diversos pontos do país.

A Casa do Alentejo, em **Lisboa**, acolheu no dia 29 de Maio um almoço comemorativo, em que participaram 75 sócios e amigos da URAP. As inscrições iam muito além deste número, mas as restrições impostas pela epidemia de COVID-19, obrigaram à limitação das presenças.



Lisboa

Apresentada por Palmira Areal, do Conselho Directivo, a iniciativa contou com a intervenção do novo coordenador, José Pedro Soares, que destacou a dinamização de núcleos em todo o País e realçou a importância da actividade da URAP contra o racismo, a xenofobia e as concepções e práticas fascizantes. Participaram antigos presos políticos, como Domingos Abrantes, Mário Araújo, Adelino Pereira da Silva, Conceição Matos e Raul de Carvalho.

O núcleo de **Aveiro** realizou-se no dia 22 de Maio, no Jardim Infante D. Pedro, uma sessão/espectáculo apresentada por António Moraes, na qual esteve o vereador do Ambiente da Câmara Municipal, João Machado, em representação do presidente, e o presidente da União de Freguesias da Glória e Vera-Cruz, Fernando Marques.

Vítor Dias, do Conselho Nacional, destacou a necessidade de organizações como a URAP, defensoras da democracia, da liberdade e da verdade histórica sobre o fascismo e a resistência, essencial para impedir retrocessos.

Seguiu-se um espectáculo com o grupo Poesia em Liberdade, depois Rui Oliveira cantou a capela um tema de José Afonso, e finalmente a Banda da Amizade interpretou seis peças.

Nesse mesmo dia, foi inaugurada a sede do núcleo de Aveiro da URAP, que dará melhores condições para o desenvolvimento da actividade antifascista.

Os núcleos da URAP dos concelhos de **Moita e Barreiro** organizaram no

Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, dia 23 de Maio, o almoço comemorativo, no qual participou Carlos Mateus, do Conselho Directivo.

Os parabéns foram cantados pelos 60 participantes, entre os quais se destacam o presidente da Câmara da Moita, Rui Garcia, o presidente da União das Freguesias da Baixa da Banheira e Vale da Amoreira, Nuno Cavaco, o presidente da Junta de Freguesia de Alhos Vedros, Eli Rodrigues, e Vítor Barata, presidente do Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira.

Já a 8 de Julho foi a vez de **Évora** assinalar a efeméride com um almoço no qual estiveram cerca de 70 pessoas, nomeadamente o presidente da Câmara Municipal de Évora, Carlos Pinto de Sá.

Na iniciativa, Eulália Miranda, dirigente da URAP, realçou a importância da comemoração do 45.º aniversário da URAP, da sua imensa intervenção não só no presente, mas também ao longo dos anos em defesa das conquistas democráticas, das ideias e ideais do 25 de Abril e na luta contra o branqueamento do fascismo. Carlos Pinto de Sá lembrou os anos de luta e resistência nas terras do Alentejo, referiu a luta no presente, considerando que, se os democratas param ou desistem, os inimigos de Abril tomam a iniciativa, com o perigo que isso representa para os jovens e o povo em geral.

O almoço foi animado com momento cultural, que incluiu declamação de poemas e cantigas da resistência.



Aveiro



Inauguração da sede de Aveiro



Baixa da Banheira



Évora

SOLIDARIEDADE DE SEMPRE COM A PALESTINA

A 13 de Maio, ao mesmo tempo que Israel bombardeava a Faixa de Gaza (e antes de mais um cessar-fogo, quase sempre temporário), a URAP, numa declaração de solidariedade ao povo palestino, considerou que «o governo de Israel pretende anexar, pela força das armas, Jerusalém Oriental, contrariando as resoluções da ONU, que defendem a criação de um Estado palestino».

Condenou veementemente «mais estes bombardeamentos aéreos por parte de Israel», que provocaram um elevado número de mortos e feridos, destruíram edifícios e expulsaram palestinos das suas casas, obrigando-os ao exílio.

A URAP «solicitou ao governo português para que tome uma posição consentânea com as resoluções das Nações Unidas, usando o lugar que neste momento ocupa na presidência rotativa do Conselho da União Europeia».

Já a 24, em Viseu, a URAP, o Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC), o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e a União de Sindicatos de Viseu organizaram uma concentração para exigir o fim da agressão e ocupação da Palestina.

As organizações enviaram uma carta ao Governo e à Assembleia da República, lida por Filomena Pires, do MDM, condenando a atitude das autoridades portuguesas e reafirmando que «o que se passa com a Palestina não é um conflito, é uma violenta ocupação, ilegal e atentatória dos direitos humanos e dos direitos nacionais do povo palestino».



A solidariedade com a Palestina fez-se ouvir por esses dias também em Lisboa, no Porto, em Évora, em Faro e em Braga.

OCUPAÇÃO TEM DÉCADAS

Francisco Canelas, da direcção da URAP, afirmou, dia 20 de Abril, no Dia Internacional de Solidariedade com os Presos Palestinos que «o povo palestino (...) é um povo privado da terra que é sua por direito e de um governo próprio, que Israel continua a ocupar diária e violentamente, (...) ao arrepio de todas as convenções e decisões que defendem a decisão e solução pacífica de dois estados».

O dirigente da URAP falava na sessão de solidariedade com os presos e detidos administrativos palestinos nas prisões de Israel, organizada pelo Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente (MPPM) e pela URAP, com o apoio do Museu do Aljube, ainda antes da mais recente vaga agressiva do Estado de Israel.



Na sessão, aberta pela directora do Museu do Aljube, Rita Rato, participaram Carlos Almeida, vice-presidente do MPPM, e Yamil Kasem, membro do Conselho Nacional Palestino e coordenador, em Espanha, da Aliança Europeia de Apoio aos Presos Palestinos, este por videoconferência, a partir de Madrid.

Francisco Canelas sublinhou que os palestinos são «um povo a quem os seus melhores filhos são mortos, presos, torturados pela reivindicação da sua dignidade e do seu direito a autodeterminação enquanto povo e nação de direito».

Rita Rato lembrou que o encontro solidário decorria «no local onde se situava uma das mais sinistras prisões do fascismo português» e Carlos Almeida considerou que na Palestina «todo um povo tem a sua liberdade coarctada», para além dos próprios presos palestinos «no contexto mais geral da ocupação israelita».

Yamil Kasem, por seu lado, falou pormenorizadamente «da situação dos presos palestinos nas prisões de Israel e a forma como este Estado ignora todos os princípios dos direitos humanos e do direito internacional».



MILHARES DE PESSOAS COMEMORAM ABRIL EM TODO O PAÍS

A URAP marcou presença na manifestação do 47.º aniversário do 25 de Abril em **Lisboa**, descendo a Avenida da Liberdade até aos Restauradores com inúmeros sócios e amigos e transportando panos alusivos à Revolução dos Cravos.

No **Porto**, a celebração juntou milhares de pessoas. O desfile da URAP iniciou-se junto à antiga cadeia da PIDE e terminou na Avenida dos Aliados, caracterizado pela presença maciça da juventude.

O desfile do 25 de Abril nas ruas de **Vila Franca de Xira** foi organizado pelo núcleo concelhio da URAP, com a participação de cerca de 400 pessoas, entre as quais vários antigos presos políticos. Contou com uma intervenção do dirigente da URAP José Pedro Soares, em representação dos presos políticos do concelho.

No **Barreiro**, junto do parque Catarina Eufémia, a URAP organizou, dia 24 de Abril, uma concentração sob o lema: 25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!, na qual intervieram José Pedro Soares e Júlio Dias, do núcleo do Barreiro. Do programa constava também música da resistência e da liberdade.

O Núcleo da URAP de **Montemor-o-Novo** comemorou o 25 de Abril colocando faixas em três monumentos da cidade - monumento a José Adelino dos Santos, monumento junto ao Quartel da GNR e monumento aos Antifascistas do Alentejo -, em homenagem aos democratas e antifascistas que ajudaram a construir a liberdade em Portugal e aos militares de Abril.

Em **Setúbal**, na manhã do dia 25 de Abril, realizou-se a habitual evocação dos resistentes antifascistas junto ao monumento evocativo existente na Avenida Luísa Todi. Pela delegação local da URAP interveio Pedro Soares. A presidente da Câmara Municipal, Maria das Dores Meira, esteve presente.



DEZENAS DE SESSÕES LEVAM ABRIL A MAIS DE MIL

Para comemorar Abril, a URAP promoveu e participou em dezenas de sessões (presenciais ou por videoconferência), que envolveram mais de 1000 pessoas. Pelo seu significado, destacam-se as sessões nas escolas, das quais damos nota de algumas.

Na biblioteca da **Escola Marquesa de Alorna**, em Lisboa, crianças de nove anos, com um cravo na mão, declamaram poesia de vanguarda e cantaram «Grândola, Vila Morena», a canção emblemática de José Afonso, para celebrar Abril. A festa aconteceu, dia 22 de Abril, e nela participaram 37 estudantes de nove e 15 anos e vários professores. Adelino Pereira da Silva, expreso político e dirigente da URAP, falou da ditadura e da resistência em Portugal.

Os átrios e corredores da escola exibiam desenhos alusivos ao 25 de Abril.

Adelino Pereira da Silva participou ainda na sessão realizada, a 25 de Maio, na **Escola Marquês de Pombal**, em Lisboa, no âmbito do projecto “Um dia cheirou-me a cravos ...” e “À conversa com...”. Organizada e preparada por sete professores da escola, estiveram presentes duas turmas do 6.º ano e uma turma do 8.º ano, num total de cerca de 50 alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos.

A Associação de Estudantes da Faculdade de **Belas Artes do Porto** organizou, dia 26, por videoconferência, uma conversa sobre a Revolução de Abril, para a qual convidou Maria José

Ribeiro, da URAP, o Almirante Martins Guerreiro, da Associação 25 de Abril, e o Comandante Marques Pinto, da Associação Conquistas da Revolução. Na conversa moderada por Leonor Barbosa, dirigente da Associação, os militares de Abril falaram sobre os preparativos da Revolução e a importância do Programa do MFA e Maria José Ribeiro relatou as lutas dos trabalhadores, da juventude e das mulheres contra o fascismo.



MURAL EM PENICHE

Um mural itinerante composto por 46 mosaicos cerâmicos elaborados por alunos de 46 escolas e jardins-de-infância do continente e ilhas foi inaugurado, dia 25 de Abril, no Campo da República frente à Fortaleza de Peniche.

A execução do painel foi promovida pela FENPROF em parceria com a Câmara Municipal de Peniche e com o apoio da URAP, Associação 25 de Abril, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL) e do CENCAL - Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, das Caldas da Rainha.



CINEMA NA MOITA

O núcleo da Moita da URAP e a Câmara Municipal da Moita promoveram, nos dias 28 e 30 de Abril, duas **sessões de cinema** que abordam os temas do 25 de Abril e do período revolucionário.

Nas sessões - realizadas no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira - integradas nas comemorações do 25 de Abril da Programação da Câmara Municipal da Moita, foram exibidos os filmes «Linha Vermelha», de José Filipe Costa, dia 28; e «Bom Povo Português», de Rui Simões, dia 30, com a presença de Diamantino Cabrita do núcleo da Moita da URAP.

ABRIL NO BAIRRO

O Núcleo de Almada da URAP encontrou-se, dia 24 de Abril, com crianças do Estuário Colectivo, constituído por um grupo de moradores da Rua António Nobre, em Cacilhas, para falar sobre a Revolução de Abril e da liberdade e contar experiências de vida durante a ditadura fascista. No encontro, estiveram presentes 12 crianças dos 4 aos 8 anos, e alguns pais, além dos promotores da iniciativa.

Mário Araújo, Carlos Mateus e Francisco Braga, dirigentes da URAP, dialogaram com as crianças, tendo o

último lido ainda excertos dos seus livros infantis e, no final, ofereceu alguns exemplares autografados a todas as crianças presentes.



LIBERTAÇÃO DOS PRESOS DE CAXIAS E PENICHE EVOCADA NO DIA 27 DE ABRIL

Na madrugada do dia 27 de Abril de 1974 os presos políticos foram libertados das fortalezas de **Caxias e Peniche**. Para celebrar a vida e a luta pela liberdade e pela democracia desses homens e mulheres, a URAP organizou, 47 anos depois, uma excursão com dois autocarros a essas duas cadeias do fascismo.

Em **Caxias**, junto à peça escultórica em homenagem aos presos políticos, a cerimónia contou com a presença do vice-presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Francisco Rocha Gonçalves, e ouviu-se música de Rúben Martins e poesia lida por Fernando Marques.

Em nome da URAP falou Sérgio Ribeiro, ex-presos políticos libertados nesse dia, que recordou a sua primeira prisão, em 1963, na qual passou «pela terrível experiência da tortura da privação do sono, em que o torturado é, também, o torturador de si próprio, e sofre o que se lhe agarra à pele pelo lado de dentro. Para sempre!» Viria a ser preso e enviado para



uma cela no reduto-norte de Caxias dez anos depois, a 18 de Abril de 1974, com 38 anos.

Em Peniche, foi evocada a libertação dos presos do forte, antiga cadeia de alta segurança por onde passaram 2510 antifascistas entre 1934 e 1974, hoje Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Depois de aberta a cerimónia pelo dirigente da URAP José Pedro Soares, ex-presos políticos naquela cadeia, Adelino Pereira da Silva, também prisioneiro em Peniche, interveio dizendo que naquele dia «celebramos o acontecimento, recordando o corajoso Movimento dos capitães e militares de Abril, a que se



juntou de imediato o maciço apoio popular na consolidação do triunfo da Liberdade».

*“Depois da fome, da guerra
da prisão e da tortura
vi abrir-se a minha terra
como um cravo de ternura.”*

[excerto de Portugal Ressuscitado, Ary dos Santos]

DIA DO TRABALHADOR CELEBRADO EM LUTA

A URAP participou nas comemorações da CGTP-IN do Dia do Trabalhador em **Lisboa**, integrando o desfile que terminou na Alameda D. Afonso Henriques.

No momento em que uma pandemia devasta o país e o mundo, o comunicado refere que «a URAP louva os milhares de portugueses que, nestes dias, trabalham nos hospitais, nos serviços públicos e privados, em teletrabalho em casa, e também todos aqueles que, confinados no domicílio, se encontram afastados das suas famílias e dos seus amigos».

Barreiro

Representantes dos núcleos da URAP do Barreiro e da Moita, da União dos Sindicatos de Setúbal e ainda o antigo preso político de Caxias e Peniche Faustino Reis organizaram um Acto Público Antifascista no Largo 3 de Maio, no Alto do Seixalinho, Barreiro, de evocação da luta e da repressão de 3 de Maio de 1970.

Na presença de cerca de cem pessoas, algumas das quais participantes na jornada de 1970, lembrou-se a prisão dos antifascistas Alfredo Matos e Álvaro Monteiro, do Barreiro; Leonel Coelho e Staline Rodrigues, da Moita; e Zacarias Fernandes, Fernando Tavares, Carlos Lopes e António Chora, de Setúbal, no dia seguinte à manifestação do 1.º de Maio de 1970.

Bandeiras de Peniche

No dia 1.º de Maio, o núcleo da URAP de Peniche colocou bandeiras vermelhas em vários edifícios da vila, para assinalar uma acção de propaganda de contestação ao fascismo de há 85 anos, recordando a jornada de Maio de 1936, quando foram distribuídos por baixo das portas, nos barcos de pesca e em edifícios públicos, jornais e manifestos clandestinos. Igualmente na noite do dia 1 de Maio, foram feitas pinturas de parede e colocadas as bandeiras vermelhas nos edifícios.



URAP ELEGE NOVA DIRECÇÃO E APROVA ACTIVIDADES PARA 2021 EM ASSEMBLEIA GERAL



A URAP tem nova direcção para o biénio 2021/2023 e aprovou o Plano de Actividades para 2021, em Assembleia Geral (AG) realizada, dia 10 de Abril, na Casa do Alentejo, em Lisboa.

Coordenadora durante cerca de uma década, Marília Villaverde Cabral deixou o cargo, embora vá integrar agora a Assembleia Geral, sendo substituída por José Pedro Soares, eleito na primeira reunião do novo Conselho Directivo, dia 5 de Maio.

Na AG, José Pedro Soares tomou a palavra para sublinhar que Marília Villaverde Cabral «deixa de ser coordenadora, mas não deixa o trabalho da URAP», acrescentando que «ser antifascista hoje é não deixar apagar a memória e lutar no presente. Ir à luta todos os dias, pois queremos a liberdade em todo o seu conteúdo».

A reunião magna contou com a presença de cerca de uma centena de pessoas que apreciaram e votaram o Relatório de Actividades de 2020 e o Relatório das Contas de 2020 e respectivo parecer do Conselho Fiscal. Todos os documentos foram aprovados por unanimidade e aclamação.



PROSSEGUIR A ACÇÃO ANTIFASCISTA

Marília Villaverde Cabral apresentou o relatório de 2020 e o plano de actividades para 2021. Numa alocução anterior destacou os tempos difíceis em que vivemos devido à pandemia e a adaptação a uma nova forma de «prosseguir a luta contra o branqueamento do fascismo, evocando antifascistas para que não esqueçamos os seus sacrifícios, dando a conhecer a muitos o que foi a resistência e denunciando as ideias racistas, xenófobas e fascistas que têm surgido».

Realçou ainda a importância dos protocolos e parcerias que a URAP estabeleceu com organizações e organismos oficiais; a inauguração de uma peça escultórica, evocativa da libertação dos presos políticos da prisão de Caxias; as sessões em escolas destinadas a alunos e

professores; as visitas guiadas aos Museus do Aljube, de Peniche e ao Projecto museológico «Do Heroísmo à Firmeza» no Porto; a actividade diversificada dos núcleos; o trabalho organizativo com “a actualização do ficheiro, o melhoramento de todo o trabalho das contas e a recolha de quotas”; e saudou os 80 novos associados que aderiram à URAP.

No campo das homenagens a realizar, evocou «a Seara Nova nos 100 anos de publicação» e o 100º aniversário do Partido Comunista Português, «pelo seu papel único na Resistência contra a ditadura fascista».

Do Conselho Directivo interveio Ana Pato que deu conta de toda a actividade informativa, destacando o boletim, a

página e as redes sociais usadas pela URAP.

Francisco Canelas centrou a intervenção nas questões internacionais e nas relações com a FIR, que a URAP integra, relatando o último congresso, em Itália; na homenagem em Drezdnica; no plano de retoma de contactos com organizações em Espanha; na deslocação de uma delegação ao Parlamento Europeu para falar de antifascismo.

Ainda da direcção, César Roussado referiu as questões de organização. Valorizou o trabalho dos núcleos; a campanha de angariação de mais 150 sócios; a situação financeira equilibrada com a recolha de quotas.



SEM MEMÓRIA NÃO HÁ FUTURO

Do Conselho Nacional falou Adelino Pereira da Silva, lembrando que sem memória não há futuro. Sublinhou os esforços para termos hoje o Museu de Peniche, e a importância dos museus sobre a temática do fascismo que ajudam a desmontar a hipocrisia e as mentiras dos populistas.

Vítor Dias informou sobre preparação do livro “Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo”, dedicado às mulheres antifascistas, destacando que com a publicação deste livro, a URAP cumpre um compromisso e resgata o relativo esquecimento a que estas combatentes foram delegadas na história do antifascismo, muitas das quais ainda vivas.

Álvaro Contreiras, presidente do Conselho Fiscal, apresentou o Relatório das Contas e o Parecer do Conselho Fiscal, informando que a URAP teve 40000 Euros

de receitas e 39 000 Euros de despesas, sendo as receitas provenientes sobretudo de quotas e donativos. Destacou que as quotas pagas são 150 por cento superior às do ano anterior.

O terceiro ponto da Ordem de Trabalhos visou a eleição dos novos órgãos e foi apresentada por César Roussado. Apreciou o trabalho quotidiano de todos, para quem pediu um aplauso, e apresentou as alterações em relação à lista cessante. Na lista há elementos que integram pela primeira vez a direcção, outros que passam da direcção para a Assembleia Geral, como a actual coordenadora, Marília Villaverde Cabral, e outros ainda que vão para o Conselho Nacional, como – Diamantino Torres, Feliciano David, José Manuel Vargas e Maria José Ribeiro – órgão esse que sofre um aumento exponencial, de 28 para 60 membros, devido ao alargamento do número de núcleos, do Algarve a Braga.

Na Assembleia Geral da URAP houve ainda a aprovação de uma Moção, lida por Palmira Areal, na qual foi votada o envio de duas saudações às comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio, «datas que todos os democratas se honram em participar».

A sessão foi presidida pela secretária da Mesa da Assembleia-Geral Celestina Leão, devido à ausência por motivo de doença do presidente, Levy Baptista, acompanhada por Eulália Miranda e Mário Araújo. Encontravam-se presentes representantes dos núcleos de Alenquer, Almada, Amadora, Aveiro, Barreiro, Évora, Lisboa, Queluz, Mem Martins, Moita, Montemor-o-Novo, Peniche, Porto, Queluz, Rio de Mouro, Seixal, Setúbal, Silves, Vila Franca de Xira e Viseu, muitos dos quais usaram da palavra.

JOSÉ PEDRO SOARES E MARÍLIA VILLAYERDE CABRAL SOBRE O PRESENTE E O FUTURO DA URAP

O ex-preso político e dirigente da URAP José Pedro Soares vai coordenar a URAP durante o biênio de 2021/23, substituindo Marília Villaverde Cabral que detinha essa responsabilidade desde 2012.

O Boletim quis conversar com os dois dirigentes da URAP, de um lado para conhecer as perspectivas futuras do trabalho da organização, e de outro para ter um balanço do trabalho realizado.



Ao iniciar as funções de coordenador, como é que o José Pedro Soares vê o futuro da URAP e quais são as prioridades para os próximos dois anos?

José Pedro Soares: Observamos um grande interesse pela URAP e pelas actividades que desenvolve, por isso, a preocupação dos órgãos directivos, neste novo mandato, vai ser consolidar esses avanços e, na medida do possível, melhorar ainda mais a sua intervenção e a actividade dos núcleos.

Enquanto associação antifascista, a URAP, tem necessariamente que continuar a eleger como principal missão a defesa da memória histórica da resistência antifascista, lembrando sempre o que foi a longa opressão criminosas que muitos querem rapidamente fazer esquecer.

É muito actual a necessidade de desmascarar e combater os novos fenómenos do populismo e a extrema-direita e, ao mesmo tempo, informar e combater o branqueamento que pretendem fazer do fascismo e dos seus crimes.

Pretendemos aumentar e diversificar as nossas iniciativas alargando ainda mais as actividades a públicos jovens, com a preocupação pedagógica de transmitir os valores e memórias da resistência antifascista aos mais novos.

O país atravessa um momento difícil, com uma grave pandemia e os problemas sanitários e económicos que isso comporta. Há mobilidade reduzida e por isso muitos eventos não se podem realizar. Como pensa ultrapassar este obstáculo?

JPS: Pois, tem sido essa a dura realidade neste último ano. A URAP também reduziu a sua actividade, mas

respeitando as regras de higiene e saúde pública nunca parou com as suas tomadas de posição, os apelos, as reuniões e iniciativas.

A este propósito foi bem visível para todos, o comportamento das forças de direita quando se tratou das comemorações do 25 de Abril, do 1º de Maio e outras realizações progressistas. Assistiu-se a um estendal de reacção patente na ofensiva da direita e extrema-direita, com a cobertura dos meios de comunicação.

A pandemia tem na verdade afectado de forma brutal as actividades económicas, culturais, até escolares e familiares, pondo a claro muitas fragilidades da nossa sociedade. Uma vez mais têm sido os mais desprotegidos e que os que vivem do seu trabalho as principais vítimas. É para a denúncia dessas velhas e novas formas de exploração que a URAP faz falta.

O seu trabalho junto da juventude e dos estudantes para divulgar o que foi o fascismo, a Revolução do 25 de Abril e a construção da democracia tem tido uma importância muito grande. Vai prosseguir nessa linha?

JPS: Sim. Irei continuar a ajudar a organizar e a participar com os meus companheiros ex-presos políticos e outros resistentes antifascistas. Temos sempre muitas experiências para contar, algumas incríveis, que importa dar a conhecer, sobretudo aos mais novos.

É a história fabulosa do nosso 25 de Abril, do levantamento militar, da imediata adesão do povo, como decorreu esse extraordinário processo transformador com os seus episódios e detalhes. Para lhes dizermos também que o 25 de Abril teve e ainda tem, inimigos e que não podemos deixar que nos tirem a liberdade.

Apesar da importância do derrubamento do fascismo e de vivermos em liberdade, há um retrocesso significativo, com o aparecimento de forças reacçãoárias e racistas. Como vê esta situação e em que medida a URAP pode contribuir para a contrariar?

JPS: Ora bem, havia e há até quem pensasse que esse fenómeno era só em outros países, que estávamos imunes à verborreia das ideias e actos neofascistas, mas não. Enquanto persistirem as causas e os fenómenos que os sustentam eles aparecerão. São também o resultado da falta de resposta aos problemas concretos das pessoas, da falta de investimento na cultura, da continuidade dos intocáveis privilégios dos grandes interesses económicos e financeiros.

Perante tais factos, a URAP não se esconde nem se intimida. Debate esses fenómenos, combate-os, intervém publicamente e através de documentos e do Boletim. Ao mesmo tempo propõe que esses temas sejam matéria formativa, integrando os programas e currículos. Alguns desses fenómenos são modas, mas chocam com a própria Constituição, e não deixam de merecer frontal reprovação.

Foi preso em 1971, aos 21 anos, sofreu torturas e espancamentos, esteve isolado e só foi libertado três anos mais tarde graças ao 25 de Abril. Como é que esses anos influenciaram a sua vida?

JPS: Sim, esses acontecimentos marcaram-me certamente muito. Estive cerca de 23 meses no Forte de Caxias, três dos quais em isolamento e depois dos interrogatórios, os restantes 20 já em celas colectivas. Apesar da rigidez do regime prisional conheci aí muitos outros camaradas.

Nas visitas, apesar daquele vidro do Parlatório e da vigilância dos guardas, víamos as famílias uns dos outros quando ali entrávamos e depois na saída. Por outro lado, organizávamos lutas colectivas pela melhoria das condições prisionais, por melhor alimentação, para podermos receber outros familiares e amigos, para termos livros, jornais, visitas em comum. Se éramos condenados, íamos para o Forte de Peniche. Foi o que aconteceu. Quando saíamos, tínhamos aprendido muito, estávamos mais conscientes e preparados para não desistir e continuar a lutar pela liberdade e a justiça.

A Marília Villaverde Cabral coordenou a URAP de 2012 a 2021. Nestes nove anos a URAP deu um salto muito grande em volume de trabalho e influência. Quais foram as iniciativas mais importantes que se realizaram?

Marília Villaverde Cabral: Depois de um período em que muitos dos fundadores da URAP foram desaparecendo - muitos vinham ainda do Tarrafal e outros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos – tivemos muita dificuldade em continuar o trabalho desses empenhados democratas. Um deles, um dos marinheiros insubmissos, Armindo Guimarães, disse-me uma vez: não deixem acabar a URAP. Ela faz falta à democracia. O futuro veio demonstrar como tinha razão: que o fascismo não morreu e, sempre que vê uma oportunidade, deita as garras de fora. Era verdade. A URAP fazia falta.

Cresceu a nossa vontade e fomos ganhando mais antifascistas para esta luta. Aumentámos o número de associados, activámos núcleos e criámos outros. Temos sempre presente o apelo de Francisco Miguel, para que não deixemos esquecer esse horror que foi o «campo da morte lenta» e todos os anos organizamos uma romagem ao Mausoléu dos que morreram no Tarrafal.

Consegue destacar uma que lhe tivesse dado maior prazer ou tivesse sido mais difícil de concretizar?

MVC: Foram tantas as iniciativas que me deram muito gosto na sua concretização, que até tenho dificuldade em as distinguir. De qualquer forma, a luta contra a transformação do Forte de

Peniche em pousada, foi entusiasmante. Também o contacto com os sócios da URAP, ex-presos políticos que, por sua vez, contactaram outros ex presos, a dinâmica de unidade que se conseguiu.

Conseguiu-se! Foi uma grande vitória da Democracia!

Hoje, o forte é, desde 25 de Abril de 2019, o Museu Nacional Resistência e Liberdade, ainda que só tenha uma parte inaugurada. Sentimo-nos orgulhosos em termos realizado, em colaboração com a Câmara de Peniche, a primeira investigação na Torre do Tombo, o que permitiu que se construísse um Memorial no qual ex-presos e familiares encontram os seus nomes. Está junto à peça escultórica com as palavras de Borges Coelho: “Nomeai um a um todos os nomes. Lutaram e resistiram. A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta Fortaleza”.

Em jeito de balanço, quais foram as principais acções que a URAP realizou nestes últimos anos?

MVC: Houve várias sessões no Museu do Aljube, sobre livros e escritores da resistência, participamos nos Congressos da FIR - Federação Internacional de Resistentes, de que fazemos parte. Neste Mundo conturbado, não estamos sós. Há, por todo o lado, quem lute em defesa da liberdade e da democracia.

Em 2015, a Tocha da Paz da FIR percorreu vários países da Europa, para celebrar os 45 anos do fim da Grande Guerra. A URAP recebeu-a também e a sua passagem por Portugal foi uma experiência muito rica. Teve colaboração de várias autarquias, escolas, colectividades, grupos desportivos, e uma grande participação da juventude. Há ainda o caso do Museu Salazar. Criámos uma Petição que baixou à Assembleia da República, e abaixo-assinados, denunciámos que, mais não seria, do que um local de romagem ao ditador e um ponto de encontro de saudosistas do passado fascista. Também aqui venceu a democracia.

A URAP teve também actividade editorial. O que é que já foi publicado e o que está no prelo?

MVC: Temos muito orgulho nos livros que publicamos. Afirmando sempre, com humildade, que não pretendem ser livros históricos, mas um contributo contra o esquecimento da parte da História que não é estudada nas escolas e que as novas gerações desconhecem. Temos um livro sobre o Forte de Peniche, que já vai na 5.^a edição, outros sobre o Movimento de Jovens Trabalhadores (MJT). E estão prestes a sair um sobre as Mulheres que estiveram nas Prisões do Fascismo, um sobre o Forte de Caxias e outro sobre os fortes de Angra do Heroísmo. Há ainda uma série de brochuras que iremos editar ou reeditar, a maior parte com entrevistas ou depoimentos de antifascistas.

Como não podemos fazer caminho sozinhos, a URAP desenvolveu parcerias com outras organizações nacionais e internacionais. Quais?

MVC: São de realçar, sim, a importância dos protocolos e parcerias que a URAP estabeleceu com organizações e organismos oficiais, dos quais evidenciamos o Protocolo com a Direcção-Geral do Património sobre o Museu Nacional Resistência e Liberdade e ainda outros com várias Câmaras e Juntas de Freguesia, o trabalho conjunto com a Câmara de Oeiras de que resultou uma peça escultórica, evocativa da libertação dos presos de Caxias. É de referir ainda o Protocolo com o Exército Português que permitiu prosseguir com o projecto museológico Do Heroísmo à Firmeza, na antiga sede da PIDE no Porto.

A Marília Villaverde Cabral é uma militante desde a juventude. Participou na luta estudantil e nos congressos de Aveiro, foi sindicalista, defendeu os direitos das mulheres, foi dirigente do PCP e coordenadora da URAP. Quais são os seus projectos futuros?

MVC: O que vou fazer? Dentro das minhas possibilidades, com a URAP, continuar a batalhar contra o branqueamento do fascismo, contra o esquecimento de todos os que, na longa noite da ditadura, souberam resistir e... manter a esperança. Os povos, com a sua luta, terão sempre a última palavra.

A CIÊNCIA AO SERVIÇO DE QUEM?

O conhecimento científico tornou-se central na compreensão do mundo natural e espiritual contemporâneo, e na organização e funcionamento das sociedades modernas. O conhecimento científico tornou-se parte integrante da educação e do funcionamento das sociedades contemporâneas.

Num mundo dividido entre nações e entre classes sociais, o conhecimento científico e técnico é um bem universal cujo acesso é partilhado de modo desequilibrado ou até iníquo entre países e mesmo dentro de cada país. Conhecimento é poder, exercido para o bem comum ou para a fruição egoísta, ou ainda para extremar a exploração ou até a agressão a quem ou além fronteiras.

A situação de pandemia que abala o mundo coloca no centro da nossa atenção a vulnerabilidade da espécie humana ao contexto natural e antrópico que habita. Existem ameaças que surgem independentemente da vontade e acção humana; mas também ameaças cujos danos podem ser agravados ou, pelo contrário, atenuados ou até evitados mediante adequada organização e intervenção humana; e ainda ameaças que emergem exclusivamente em resultado da própria acção humana.

Como podem ser evitadas ou mitigadas (nas causas e nos efeitos) todas essas ameaças? É aqui que o conhecimento

científico tem um papel insubstituível a ocupar. Os seres e fenómenos que ocorrem no mundo físico e social têm de ser estudados para que saibamos lidar com eles e interferir positivamente no curso do seu desenvolvimento. Quanto às ameaças que são infligidas sobre o próprio homem, as armas de destruição maciça constituem um caso limite; a que se adicionam os conflitos bélicos e económicos entre estados, etnias e classes sociais; reflectindo e reproduzindo assimetrias persistentes na organização e partilha de meios de vida e subsistência digna e saudável em todo o mundo.



A PANDEMIA DE COVID-19

Apesar dos programas oportunamente formulados pela Organização Mundial de Saúde para promover a solidariedade internacional e enfrentar a avassaladora COVID-19, visando concretamente o fornecimento de dois mil milhões de vacinas até ao final de 2021, a pandemia subsiste e alastra sem que a produção e aplicação da vacina acompanhe as necessidades e as metas preconizadas pela OMS.

Era esse o objectivo do programa Covax, um mecanismo de aquisição conjunta que garantiria acesso equitativo às vacinas para todas os 190 países participantes. Porém, os contratos já firmados com as empresas Pfizer,

BioNTech, AstraZeneca tardam a ser cumpridos, pelo que o programa Covax avança lentamente, forçando a OMS a reformular a sua calendarização até para além de 2022. Enquanto contratos com empresas fora do espaço atlântico tardam a ser firmados. Quem pretende tirar partido?

Por outro lado, o mecanismo Covid-19 Technology Access Pool, visando a partilha internacional da propriedade intelectual e meios especializados necessários à produção de vacinas em grande escala e abrangendo os países em desenvolvimento, enfrenta enormes obstáculos. A partilha internacional da propriedade intelectual

pode ser acionada através de licenças compulsórias, um conceito incorporado nas normas internacionais, por via de uma emenda à Convenção para a Protecção da Propriedade Industrial, consagrada na Declaração de Doha 2001, graças à mobilização dos países então mais atingidos pela epidemia de HIV. O Acordo sobre Direitos de Propriedade Intelectual (TRIPS) prevê agora, no Artigo 31+, flexibilidade no que respeita à atribuição de licenças compulsórias em caso de «emergências nacionais ou outras circunstâncias de extrema urgência ou em caso de uso público para fins não comerciais (...) sem a autorização do titular dos direitos».

O licenciamento compulsório de patentes afronta privilégios das potências económicas onde estão sedeadas as empresas que fornecem as vacinas com melhor desempenho. No caso vertente, que nações terão determinação e força para as enfrentar? Os EUA não tiveram escrúpulos em ameaçar com licenciamento compulsório para a produção do medicamento contra o antraz, cuja patente pertencia à farmacêutica alemã Bayer, para levar esta farmacêutica a aceitar baixar o seu

preço. O mesmo país que, pelo contrário, elaborou uma «lista negra» de países que não respeitam o Acordo sobre Direitos de Propriedade Intelectual, na qual inclui a Índia, que produz versões genéricas de medicamentos ainda sob patente, a China e o Canadá (este só temporariamente).

As vacinas são um bem público cujo acesso deve ser universal. Não só por convicção moral, mas porque as doenças infecciosas (como os processos naturais em geral) não se confinam por fronteiras.



SUBSÍDIOS PÚBLICOS, LUCROS PRIVADOS

As multinacionais farmacêuticas foram subsidiadas pela UE, estados-membros e Comissão Europeia, que aplicaram mais de 2 milhares de milhões de euros em investigação e desenvolvimento e depois produção das vacinas, assim protegendo essas empresas de incorrerem em qualquer risco. E sem que estas abrissem mão da propriedade das patentes, negociando ferozmente os preços e restringindo as doações ou revenda para países em desenvolvimento.

Com as empresas farmacêuticas retendo as patentes de que são titulares, os mecanismos propostos pela OMS não atingem o alcance proposto. Segundo a Oxfam, para 13% da população mundial residente em países mais ricos, foram encomendadas 51% das doses contratadas. No seio da própria UE, ainda que a Comissão Europeia tenha assumido

um mecanismo de aquisição conjunta de vacinas, a distribuição de lotes também não é proporcional às populações dos vários países; e alguns países, ou por mais influentes ou por injustiçados, apesar de serem parte do mecanismo de aquisição conjunta de vacinas, celebram acordos privados para adquirir lotes adicionais.

As empresas farmacêuticas têm-se apoiado no progresso realizado pela investigação em biotecnologia e genómica conduzida em laboratórios do estado e financiamentos públicos (universidades, start-ups), evitando incorrer em riscos, mas capturando os direitos de propriedade intelectual para elas próprias. Por outro lado, contam com o assegurado consumo dos sistemas de saúde que garantem um vasto mercado farmacêutico onde os países competem. Uma situação



pandémica é então uma oportunidade excelente para as multinacionais forçarem altos preços para mais elevados lucros.

A situação de catástrofe pandémica é para o capital monopolista uma grande oportunidade de negócio. Um quadro em que as transnacionais farmacêuticas são acolhidas e subsidiadas pelos estados ou exploram através de contratos leoninos para o desenvolvimento de vacinas, que são vendidas antecipadamente a preços sigilosos, enquanto os sistemas de saúde aguardam para combater a emergência sanitária.

*Rui Namorado Rosa
Professor universitário jubilado
Ex-vice-reitor da Universidade de Évora*

URAP LANÇA LIVRO SOBRE MULHERES NAS PRISÕES DO FASCISMO

«Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo» é o próximo livro que a URAP vai lançar, primeiro no Porto e depois em Lisboa e noutros pontos do País. Trata-se de um estudo sobre a mulher sob o fascismo, nas cadeias e na participação em três fugas, nas lutas sociais e nos combates pela democracia.

O livro divulga ainda as organizações femininas existentes à época, cartas às organizações femininas e democráticas do mundo inteiro; fala das mães que caminharam para as prisões e publica uma crónica de um tempo sombrio.

Termina com a chegada de Abril, da liberdade, da democracia, do reconhecimento legislativo da igualdade – na prática ainda não totalmente conquistada.

Os capítulos de «Elas Estiveram nas Prisões do Fascismo» são marcados com textos ou poemas feitos por mulheres e a publicação inclui ainda dois anexos com os nomes de mulheres presas.

As apresentações do livro, e respectiva venda, no Porto e em Lisboa já estão marcadas para os dias 19 e 26 de Junho.



URAP ORGANIZA NO COUÇO REUNIÃO ABERTA À POPULAÇÃO

O núcleo da URAP no Couço organizou uma reunião, dia 8 de Junho, na Casa do Povo, aberta à população, para dinamizar o núcleo e angariar novos sócios, presidida por Ortelinda da Conceição, do Conselho Nacional.

Na reunião, os participantes lembraram acontecimento e lutas naquela terra ribatejana e, igualmente, que a Vila do Couço foi agraciada como Membro Honorário da Ordem da Liberdade, em 9 de Junho de 2000, pelo Presidente da República Jorge Sampaio, reconhecendo a luta do povo do Couço durante o antigo regime pela conquista da liberdade.



URAP E CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO ASSINAM PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO

A URAP assinou, dia 8 de Junho, um protocolo com Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, a fim divulgar aos jovens do concelho a história das lutas e da resistência durante o fascismo e discutir aspectos práticos dessa cooperação.

O documento foi assinado pelo coordenador, José Pedro Soares, e pela presidente da Câmara de Montemor-o-Novo, Hortênsia Menino. Estiveram ainda presentes os membros do Conselho Nacional da URAP, Francisco Braga e Margarida Machado.



URAP NO ENCONTRO PELA PAZ EM SETÚBAL

Foi no Fórum Municipal Luísa Todi, em Setúbal, que decorreu, dia 5 de Junho, o Encontro pela Paz - Pela Paz todos não somos demais, promovido por 12 organizações, entre as quais a URAP, o Conselho Português para a Paz e Cooperação e as Câmaras Municipais de Setúbal e de Loures.

Anabela Carlos, do Conselho Nacional da URAP, interveio no painel sobre Paz e Desarmamento, apelando a todos para que “unamos as nossas vozes pela paz, contra o nazi-fascismo, contra ideais e acções fascistas, pela verdade”.



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses